

# O COTIDIANO NOS MÚLTIPLOS ESPAÇOS CONTEMPORÂNEOS

**Alunas: Cássia Melissa Govêa Martins  
Marina Raymundo Corso  
Orientadora: Ana Maria Nicolaci-da-Costa**

## **Introdução**

As categorias tempo e espaço são básicas na experiência humana. As concepções de tempo e espaço, no entanto, não são imutáveis. Elas estão sempre atreladas a determinadas sociedades e/ou a determinados períodos da vida social, nos quais não necessariamente têm pesos iguais.

No século XIX, a revolução industrial inaugurou o processo de industrialização e, juntamente com o desenvolvimento de novas tecnologias, houve o surgimento de uma aceleração do tempo até então inédita. A industrialização acelerou vertiginosamente o ritmo da produção que antes se dava de forma artesanal. O tempo necessário para qualquer deslocamento espacial, outrora limitado à capacidade física de seres humanos ou animais, foi reduzido pelos automóveis e outros meios de transporte, cada vez mais rápidos.

Com isso, tempo e espaço romperam a íntima associação que tradicionalmente haviam tido<sup>1</sup> e essa é uma das características iniciais do tempo moderno. De acordo com Bauman: “A modernidade começa quando o espaço e o tempo são separados da prática da vida e entre si, e assim podem ser teorizados como categorias distintas e mutuamente independentes da estratégia e da ação...” (Bauman, 2000/2001, pp. 15-16).

No período moderno, Bauman sugere que tal separação teve como resultado o predomínio do tempo sobre o espaço, pois “... a modernidade é, talvez mais que qualquer outra coisa, a história do tempo” (Bauman, 2000/2001, pp. 128-9).

Por volta da segunda metade do século XX, as concepções de tempo e espaço sofrem uma nova mudança. Esta é unanimemente registrada pelos autores da chamada corrente pós-modernista, pois é, segundo eles, um dos elementos que marcam o fim do período moderno (Bauman, 1997/1998, 2000/2001, 2001/2003; Sennett, 1998/1999; Harvey, 1989/1999, Jameson, 1984,<sup>2</sup> 1991/1997; Virilio, 1984/1999; etc.). Nessa época, o avanço das tecnologias de telecomunicação (caracterizado primordialmente pela integração de diferentes pontos do mundo via satélite) permite que o capitalismo atinja um novo estágio – o da integração multinacional. Neste novo estágio, por sua vez, mesmo antes do “boom” das sofisticadas tecnologias da informação e telecomunicação ocorrido na década de 1990, a aceleração limite do tempo, já atingida de forma restrita no período moderno é disseminada.

Por isso mesmo, enquanto o período moderno foi dominado pela categoria de tempo, a pós-modernidade vem presenciando o predomínio das categorias espaciais. Em outras palavras, com a difusão das novas tecnologias digitais, o tempo foi como que congelado em um eterno presente. Conseqüentemente, ganharam proeminência as

---

<sup>1</sup> Tal associação íntima ditava que espaço era aquilo que o ser humano podia atravessar com maior ou menor rapidez utilizando recursos básicos, durante um determinado período de tempo. Tempo, por sua vez, era aquilo de que se necessitava para percorrer um determinado espaço utilizando o que havia disponível na época, como os animais.

<sup>2</sup> Essas primeiras idéias sobre a lógica cultural do capitalismo tardio foram re-impressas em Jameson (1991/1997).

categorias espaciais. Essas mesmas tecnologias tiveram inclusive a capacidade de gerar espaços de vida (Nicolaci-da-Costa, 2006).

Os espaços de vida gerados pelas novas tecnologias dão visibilidade às múltiplas faces da contemporaneidade.

A Internet, por exemplo, gera um espaço alternativo ao espaço físico. Para o sociólogo Manuel Castells (1996/2000), este é o espaço dos fluxos, um produto da convergência das tecnologias da informação (microeletrônica, computação, telecomunicações/ radiodifusão, optoeletrônica, etc.). Segundo ele, o espaço dos fluxos domina e molda a nova organização social contemporânea, a da “sociedade em rede”.

A terminologia ciberespaço, porém, é a mais conhecida para se referir ao espaço virtual criado pelas conexões em rede dos computadores mundiais. Para Crumlish (1995), o ciberespaço é o espaço no qual é compartilhada a realidade imaginária criada pelas redes de computadores.

Já de acordo com Lévy (1990/1993), Internet e ciberespaço são a mesma coisa, logo, a Internet “não está no espaço, ela é o espaço” (Lévy, 1990/1993, p. 26). Ele também destaca o fato de que o ciberespaço é um terreno no qual está vivendo a humanidade hoje.

Pelo ciberespaço percorrem a informação e os bens imateriais e é nele que novas formas de vigilância, controle e poder são implementadas. Para alguns autores (Turkle, 1995; Nicolaci-da-Costa, 1998; Leitão e Nicolaci-da-Costa, 2000; Abreu e Nicolaci-da-Costa, 2003; etc.), o ciberespaço se tornou o palco (imaginário, mas vivido como real) de novas formas de vida que abrangem praticamente todas as áreas do nosso cotidiano, tais como: trabalho, educação, lazer, informação, conversas intelectuais, bate-papos informais, sedução, paquera, namoro, solidariedade, etc. Essas formas alternativas de vida se tornaram possíveis pelo fato de que o usuário pode ficar on-line pelo tempo que quiser.

Embora muitos estudiosos estejam investigando diversas características do ciberespaço, bem como muitas de suas conseqüências sociais e pessoais, o mesmo não acontece com a telefonia celular. E uma das razões para isso é justamente o fato de que os celulares não parecem gerar novos espaços, pois ao contrário dos computadores (e até mesmo dos *laptops* e *palmtops*), suas pequenas dimensões e o ainda alto custo das ligações não possibilitam a imersão prolongada do usuário em um espaço alternativo.

A principal característica da telefonia celular é certamente a sua capacidade de conectar em “tempo real”, ou instantaneamente, diferentes pontos do espaço físico independentemente da mobilidade dos interlocutores e/ ou da distância que os separa. Podemos nos comunicar com quem quisermos a partir de qualquer lugar e a qualquer hora do dia e da noite sem nos preocuparmos com onde está o nosso interlocutor. Essa característica foi batizada por Bauman (2000/2001) como “irrelevância do lugar” fazendo com que potenciais interlocutores estejam constantemente em movimento, mas sempre disponíveis para um contato, uma conversa, uma interação, etc.

Os usuários de celulares se movimentam em um espaço híbrido, um espaço físico que pode a qualquer momento ser interrompido por comunicações virtuais. Pode-se dizer que esses usuários tornaram-se nômades e o espaço físico que habitam e pelo qual transitam se tornou fluido em virtude da comunicação virtual.

Finalmente, de acordo com uma visão de Simmel, novos espaços colocam em operação novas necessidades, novas demandas, novas regras de produção, sociabilidade, sobrevivência, etc. Como conseqüência de tudo isso, emergem novas formas de agir e de viver que dão visibilidade aos processos de transformação das formas de ser. É nesse raciocínio que nossa pesquisa se fundamenta.

## Objetivos

A presente pesquisa tem por objetivo realizar uma investigação que propicie um melhor entendimento sobre os impactos que os diferentes espaços físicos e virtuais estão tendo na vida contemporânea. Para tanto a pergunta central que norteia esta pesquisa é: *Quais os impactos que a vida em diferentes espaços físicos e virtuais está produzindo nas novas gerações?*

Estabeleceu-se que a investigação seria concentrada nos jovens porque, além destes serem os maiores usuários das tecnologias que fazem emergir os novos espaços virtuais, são eles que transitam com maior frequência e naturalidade por esses espaços.

## Metodologia

Para a investigação proposta, estamos empregando o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS), um método qualitativo cuja coleta de dados é feita principalmente por meio de entrevistas abertas em contextos informais. Os depoimentos nelas coletados são integralmente transcritos e submetidos a técnicas de análise de discurso. Tais especificações se baseiam principalmente em Nicolaci-da-Costa (2007). No caso desta pesquisa, o contexto informal escolhido foi o programa de troca instantânea de mensagens MSN Messenger, o que tornou desnecessária a transcrição das falas, uma vez que neste programa tudo é digitado.

### 1) Participantes

O recrutamento dos participantes foi feito a partir dos seguintes critérios:

- (a) Todos os participantes deveriam ser jovens entre 18 e 25 anos na medida em que nossa experiência em outras pesquisas mostra que jovens desta faixa etária são grandes usuários de praticamente todas as tecnologias disponíveis no mercado;
- (b) Todos os jovens deveriam pertencer às camadas médias ou altas porque o acesso aos múltiplos espaços que vimos discutindo é feito tendo por base tecnologias cujas plataformas (computadores, celulares, palmtops, etc.) são bastante dispendiosas e, certamente, fora do alcance de muitos outros jovens;
- (c) Todos os participantes deveriam minimamente ter celular próprio e fazer uso de um computador residencial;
- (d) Todos deveriam residir na cidade do Rio de Janeiro, pois este é o local no qual está sendo realizada a pesquisa;
- (e) Restrições a sexo ou profissão foram julgadas desnecessárias.

Foram recrutados 20 participantes.

### 2) Instrumentos de Coleta de Dados: o Roteiro das Entrevistas

Alguns rascunhos do roteiro foram elaborados e testados em entrevistas-piloto. Com base nessas entrevistas, o roteiro sofreu sucessivas modificações e somente quando fluiu bem foi fechado o formato final.

O roteiro foi utilizado como um instrumento para guiar o entrevistador. A entrevista deveria se assemelhar a uma conversa informal. Por isso, as perguntas não precisavam seguir a ordem prevista no roteiro. Além disso, o ambiente do Messenger favorecia a espontaneidade da entrevista, pois esse meio é bastante conhecido para entrevistados e entrevistadores.

As 20 entrevistas já foram realizadas. Como já foi mencionado, dado que todas elas foram feitas online, não houve necessidade de serem transcritas. Os diálogos das entrevistas foram copiados integralmente do Messenger e salvos individualmente em arquivos de texto.

Roteiro das entrevistas:

PRIMEIRA PARTE (dados objetivos):

Idade

O que estuda

Há quanto tempo usa a Internet

Há quanto tempo usa celular

SEGUNDA PARTE:

1. Pedir print screen.
2. Enquanto se espera o print screen chegar, perguntar o que tem em volta do computador.
3. Perguntar – item por item – se usa o que está em volta ao mesmo tempo que usa o computador. Por quê? Como? Quando? Não se atrapalha?
4. Perguntar o que NUNCA usa ao mesmo tempo que o computador. Por quê?
5. Quando o print screen chegar
  - a. Descrever o print screen. (ex: Você tá usando o msn, o email...) O que você costuma fazer que não está aparecendo?
  - b. Perguntar se esse é o uso típico do entrevistado
6. Em qual cômodo da casa você está? Está sozinho ou está falando com outras pessoas? É sempre assim?
7. Caso isso já não tenha sido explorado na pergunta 3.  
(Se for necessário, retomar algum ponto para aprofundamento. EXEMPLO: Você disse que usa o celular junto com o computador. Onde está o celular agora?)
  - a. Onde está o seu celular? Por quê?
  - b. Tem televisão perto de você? Está ligada?
  - c. E som? Você está com o som ligado? Onde (computador, Ipod...)?
  - d. Você está fazendo mais alguma coisa além de estar no computador?
  - e. E o que você está usando no computador agora, MUDOU ALGUMA COISA desde que mandou o print screen?
8. Quais atividades você costuma fazer ao mesmo tempo (Por quê? Não se atrapalha?):
  - Computador e celular
  - Computador e telefone fixo
  - Computador e televisão
  - Computador e som
  - Televisão e telefone fixo / celular
  - Celular e chat
9. Como você se sente fazendo um monte de coisas no computador?
10. E fora dele?
11. Quantos e-mails você tem? Por quê? Quais as diferenças entre eles?
12. Com quantas pessoas você costuma falar no msn? Caso o número varie, perguntar a que se deve essa variação. E agora, com quantas pessoas você está falando além de mim?

13. Caso o entrevistado costume deixar o status “aparecer offline”, perguntar como as pessoas conseguem achá-lo e como ele consegue achar as pessoas que também fazem isso. (Fazer perguntas semelhantes sobre o g-talk, caso o entrevistado também use esse programa.)
14. Como você escolhe o seu nick? Por quê? Troca com frequência? Por quê? (Se o entrevistado não costuma trocar o nick, perguntar o que ele acha dessa prática de trocar nicks com frequência.)
15. Explorar como o entrevistado percebe as diferenças entre os recursos de comunicação instantânea (msn, skype, g-talk, tel, cel...) e não-instantânea (email, orkut...). Perguntar quais são as suas preferências e o porquê dessas preferências.
16. Perguntar quando usa o skype (ou g-talk), o msn, o celular e o telefone fixo.
17. O que faria se você quisesse conversar com alguém agora? Usaria o quê?
18. Perguntar quando usa mensagem no celular, no orkut e email
19. O que faria se você quisesse mandar uma mensagem agora? Usaria o quê?
20. Em lugares públicos, você fala no celular? E quando tem muita gente por perto e você quer ter uma conversa mais íntima, como você faz?
21. (Caso se afaste, vá para um canto ou algo no gênero) Você acha que isso garante a sua privacidade?
22. Como você lida com a questão da privacidade no celular? E na internet, como fica essa questão?
23. O que você acha da lei que proíbe o celular enquanto a pessoa dirige? Por quê?
24. Qual é a dificuldade de falar no celular e dirigir ao mesmo tempo?
25. Qual a diferença de falar, dirigindo, com o celular e com uma pessoa ao lado?
26. Comparações com situações reais. (Qual é a situação real que mais se assemelha com.....?)  
 Messenger  
 Orkut  
 E-mail  
 Blog  
 Fotolog
27. PERGUNTA PARA FECHAR A ENTREVISTA: Gostaria de acrescentar alguma coisa?

### 3) Análise dos Dados

Após a coleta dos dados, os depoimentos foram submetidos às técnicas de análise de discurso propostas por Nicolaci-da-Costa (2007). Essas técnicas são divididas em duas etapas: a análise inter-participantes e a análise intra-participantes (cada uma delas estando sob a responsabilidade de um membro da equipe).

A primeira consiste em uma análise das respostas dadas pelo grupo como um todo. Uma visão panorâmica dos depoimentos é possível através do agrupamento de todas as respostas de todos os participantes. Nessa etapa, as respostas recorrentes já apontam possíveis tendências centrais nos resultados.

Já a segunda parte, a etapa da análise intra-participantes, é realizada uma análise minuciosa dos depoimentos de cada participante individualmente. Nesta, são investigados os possíveis conflitos e contradições existentes em seus discursos. Dependendo dos resultados, volta-se à primeira análise para maior aprofundamento, e assim por diante até que as nuances de significado explícito e implícito tenham sido devidamente exploradas.

## Resultados Preliminares

Já foi realizada uma primeira rodada desses dois tipos de análises e alguns resultados despontam como relevantes (embora ainda careçam de um exame mais minucioso). Esses resultados correspondem às seguintes categorias nas quais foram agrupados depoimentos dos entrevistados. Duas integrantes ficaram responsáveis pelas análises e os itens foram divididos igualmente entre as mesmas ficando nove categorias para cada.

1) “Tudo ao mesmo tempo” é a categoria que fala sobre as múltiplas atividades nas quais os jovens se engajam enquanto estão no computador.

Alexandre, 22 anos, relata que faz uso do computador e do celular ao mesmo tempo.

[e vc se atrapalha usando o pc e o celular?] *“fica meio difícil de usar o mouse, o teclado e o celular ao msm [mesmo] tempo, afinal só tenho duas mãos... rs (...) mas em geral é trankilo [tranquilo]...rs*

Arthur, 18 anos, conta que faz “tudo” na frente do computador:

*“falo no cel e teclo aqui com o pessoal.” [e tem alguma coisa q vc nunca usa enqto [enquanto] tá no computador?] “tem não... faço quase tudo d [de] frente ao computer [computador]... (...) qnd [quando] não, faço na frente dele eh [é] pq [porque] não estou em ksa [casa]”*

Márcia Valéria, 25 anos, ao ser questionada sobre o que estava fazendo naquele momento, diz:

*“agora estou respondendo suas perguntas e ao mesmo tempo escutando as notícias do jornal”.*

Com isso, percebe-se que a entrevistada está dividindo sua atenção em atividades distintas que estão acontecendo em diferentes espaços. Logo em seguida, a mesma entrevistada completa:

*“com essa correria q [que] é a nossa nos dias de hoje, temos que nos adaptar a fazer várias coisas ao mesmo tempo!!”.*

Isso mostra que a internauta se dá conta de que realiza diferentes atividades, com a intenção de aproveitar melhor o tempo, chegando a mencionar uma necessidade de “adaptação” à realidade atual.

Lucas, 22 anos, fala sobre como consegue conciliar as atividades de estar no computador conversando no Messenger e vendo televisão:

*“Olho a tv enquanto espero as mensagens”.*

Respostas como essas podem nos fornecer um dado importante, pois é justamente na espera das mensagens que a televisão, por exemplo, ganha a atenção. Com base nessa idéia, vê-se que as tarefas são alternadas em um esquema de “figura e fundo” e esse movimento quase sempre passa despercebido para o usuário.

2) Relacionada à categoria acima, a categoria “Sensação de fazer tudo ao mesmo tempo” diz respeito a como os jovens se sentem ao realizar as tarefas de forma

“simultânea”. A maioria dos entrevistados diz que se sente “normal” ao realizar tarefas simultaneamente, dando a impressão de que esse conciliar de tarefas já faz parte do seu cotidiano. Alguns falam que se sentem bem ou que já estão acostumados.

Alexandre, 22 anos, diz que costuma utilizar o computador enquanto vê televisão ao mesmo tempo.

[e vc se atrapalha usando a tv e o pc ao mesmo tempo?] “*não... to [estou] bem acostumado...rs [risos] (...) exemplo...agora estou respondendo uma pesquisa no msn e vendo o jogo do milan...rs [risos] (...)estou aki [aqui] concentrado no msn, mas ouvindo o jogo...se vejo q [que] a entonação do narrador muda eh [é] pq [porque] eh [é] lance importante, aí paro e olho.*”

Já Isabela, 18 anos, fala sobre uma sensação de poder ao realizar múltiplas tarefas:

“*parece q [que] eu sou bem poderosa.. pq [porque] consigo fazer várias coisas ao mesmo tempo e naun [não] deixar niguem [ninguém] esperando pra falar.. acho q [que] sei administrar bem as minhas coisas.. nunca é demais.. igual coração de mãe sabe.. sempre cabe mais uma pessoas falando, ou mais um site.. sei lá..*”

Nesta categoria é importante sinalizar que muitos dos entrevistados fazem uma comparação espontânea do meio virtual com o meio físico e se pronunciam a respeito da facilidade de conciliar as conversas com várias pessoas através da Internet.

Lucas, 22 anos, diz: “*Acho que é mais fácil falar com 4 [quatro] ao mesmo tempo na internet, pelo simples motivo de que eles não estão emitindo sons ao mesmo tempo (...) a gente pode direcionar nossa atenção.*”

A já mencionada Isabela, de 18 anos, também fala sobre essa diferença entre sair com as amigas no espaço físico e as conversas online:

“*aí a coisa já eh [é] complicada.. não consigo dar atenção a um monte de gente, tenho amigas de vários grupinhos separados sabe.. tipo panelinha e eh [é] ruim de conciliar e dar atenção a todo mundo.. as vezes umas querem ir pra um lugar e outra para outro.. eh [é] difícil estar em dois lugares ao mesmo tempo né! o q [que] eh [é] bem diferente no pc onde temos a sensação de estarmos virtualmente transitando por vários lugares ao msm [mesmo] tempo.*”

O que se percebe é que ao compararem uma conversa entre amigos, no meio virtual e pessoalmente, os jovens demonstram encontrar maior facilidade de falar (individualmente) com vários amigos ao mesmo tempo no espaço virtual.

3) “Atividade / Tarefa dificilmente conciliável” é uma categoria que surgiu a partir de algumas respostas que os entrevistados deram mencionando algumas tarefas mais difíceis de conciliar. Vale ressaltar que, embora os entrevistados considerem essas atividades mais “trabalhosas” de realizar ao mesmo tempo, ainda assim não deixam de executá-las. Segue abaixo alguns exemplos:

Márcia Valéria, 25 anos, comenta seu uso do telefone ao mesmo tempo em que o do Messenger:

“*claro q [que] é meio complicado, pois o telefone tira sua concentração, mas dá para fazer isso esporadicamente!!*”

André de 20 anos explica como faz para conciliar o computador e a tv:

*“eu faço o que estiver fazendo no computador mais devagar e parando de vez em quando para olhar a tv. tanto a tv quanto o computador mostram informações, de vez em quando a informação da tv chama mais atenção outras vezes a do computador”*

Isso mostra que a dificuldade não é uma barreira para os estudantes. Mesmo relatando que a tarefa tira sua concentração, não deixam de executá-la.

4) A categoria “Atividades inconciliáveis” diz respeito às tarefas que os entrevistados consideram impossíveis de serem feitas ao mesmo tempo. Pode-se dizer que obtivemos dois tipos de respostas nesta categoria. A primeira é do grupo que avalia que, pelo menos duas atividades não podem ser conciliadas ao mesmo tempo: as de usar um computador e de ler um livro.

Em resposta à pergunta “O que você nunca usa ao mesmo tempo junto com o computador?”, Carla, 20 anos, diz:

*“hum difícil essa pergunta, mas acho menos comum eu usar algum livro até porque eh [é] mais fácil procurar alguma coisa no pc msm [mesmo]... ai se não encontrar o q [que] eu quero eu vou ao livro.”*

Sara, 23 anos, diz: *“ler um livro, porque me exige bastante concentração.”*

André, 20 anos, compartilha da mesma dificuldade de Sara:

*“ñ [não] leio livro enquanto uso o comp [computador], tentei uma vez, mas ñ [não] deu certo.”*

Já o segundo grupo de respostas mostra que os jovens muitas vezes não conseguem sequer pensar no que não dão conta de fazer ao mesmo tempo.

Luiza, 22 anos, quando questionada sobre as atividades inconciliáveis diz:

*“Hum... que eu nunca uso (...) boa pergunta (...) não sei.”*

Isabela, 18 anos, fala que consegue, com facilidade, até comer enquanto está no computador: *“tenho muita coordenação motora e consigo comer tranquilamente.”*

Guilherme, 18 anos, diz que não há nada de eletrônico que não use junto com seu computador:

[e o q vc [você] nunca usa junto com o computador?] *“de eletrônico nada... normalmente tem tv, pc e as vezes videogame ligado ao mesmo tempo”*

Em todos os casos, a pergunta é sentida como estranha, pois os jovens não se imaginam usando apenas o computador.

5) “Uso Habitual” se refere ao que os entrevistados dizem sobre seu uso rotineiro do computador. Nesta categoria, os jovens falam sobre todas as ferramentas que usam no computador, desde aplicativos e sites até a quantidade de pessoas com que costumam falar nos *chats*. Exemplos dos usos habituais:

Camila, 25 anos, fala sobre seu uso rotineiro:

*“normalmente são esses 2 [dois] sites (Orkut e O Globo Online) que eu vejo”, “o msn [Messenger] está sempre aberto”, “e sempre vejo meus e-mails.”*



Alice, 18 anos, diz que usa:

*“msn [Messenger], orkut, word, música, fotolog.”*

Márcia Valéria, 25 anos, diz:

*“para estudo, pesquisas, lê jornal etc, msn [Messenger] (...) falo com pessoas da família e amigos pelo msn [Messenger], que hoje em dia é uma forma de nos comunicarmos.”*

Alexandre de 22 anos diz que, em geral, fica no Messenger conversando com várias pessoas: *“as vezes 7 [sete] ao msm [mesmo] tempo”*.

6) “Prioridades / Foco” é a categoria que retrata os critérios de preferência usados pelos jovens quando eles estão diante de várias atividades concomitantes e como direcionam a sua atenção.

Lucas, 22 anos, diz:

*“Em tudo tem um critério de preferência. Assunto, relação com a pessoa, intenção com a pessoa. Não necessariamente nessa ordem.”*

Em seguida, ao falar sobre a escolha entre uma conversa face a face e no computador, ele exemplifica:

*“Minha mãe tava aqui no quarto agora pouco. Eu tirei os olhos da tv e passei a prestar atenção nela. Como ela não estava falando nada que eu considerasse útil (...) ela ficava com o tempo da tv. A espera por mensagens (...) do pc.”*

Mariana de 18 anos diz como age enquanto está no computador e conversando com alguém ao seu lado:

*“dependendo da conversa eu acabo não prestando mt [muita] atenção [por que?] pq [porque] dependendo da conversa o assunto não me interessa tanto qnto [quanto] o conteúdo que estou vendo no pc...”*

Isabela, 18 anos, diz:

*“eu consigo focar atenção ao q [que] estou pesquisando, mas se o msn está ligado eu demoro um século para responder as pessoas q [que] falam cmg [comigo].!”*

7) “Status do Messenger” é a categoria que se refere a um dos recursos do Messenger que é justamente a possibilidade de colocar o *status* do usuário, que pode ser: “online” ou “ocupado”, por exemplo. O uso de tal recurso foi sendo ampliado e hoje é possível colocar no local destinado a *status*: “ausente”, “em horário de almoço”, “volto logo”, “em ligação” ou, mesmo, “offline”. Esta categoria foi criada para registrar como os jovens administram suas escolhas.

Márcia Valéria, 25 anos, fala sobre sua opção ao ser questionada sobre como costuma ficar o status do seu Messenger:

*“sempre online quando eu posso conversar!! se eu estiver ocupada como agora, ausente!! porque mesmo com status ocupado, sempre alguém vem conversar com você. Agora ausente , é porque vc [você] não está ou não pode falar no momento. é mais eficaz!”*

Júlia, 25 anos, responde ao mesmo questionamento dizendo que seu status em geral é ocupado ou ausente e explica:

*“(...) isso eh [é] pra despistar algumas pessoas q [que] ficam querendo falar mta [muita] coisa toda hora. os amigos mais chegados já sabem e por isso sempre dão um alô. eu, mesmo estando ocupada, sempre digo um oi ou mando pras pessoas q [que] gosto. afinal, sou carinhosa em qq [qualquer] lugar rs”*

Camila, de 25 anos, diz: *“não consigo colocar online, sempre entro como away [ausente], no inicio era para eu selecionar quem eu ia falar ... mas tem tanto tempo que entro away [ausente] que todo mundo já sabe que eu estou aqui.. rs, é costume já colocar away [ausente], está no automático já.”*

Bianca, 19 anos, diz que seu status fica sempre em “ocupado”:

*[você costuma colocar no ocupado... mas fica assim mesmo se não tiver ocupada?] “sim” [e por que??] “pq [porque] aí tenho desculpa caso as pessoas com quem não quero falar ficarem chateadas. elas não podem pensar “ah, ela tá online e nem falou comigo””*

8) “E-mails” é uma categoria que apareceu por conta da investigação feita sobre a quantidade de contas de e-mails que os jovens têm.

Luiza, 22 anos, explica porque tem três e-mails:

*“um é do trabalho (...) outro é o que eu uso, do gmail (...) e o outro é do hotmail, q [que] só é permitido pra usar o msn.”*

Alice, 18 anos, diz que, embora tenha dois e-mails, não costuma abrir nenhum:

*“Eu tenho email, mas nem abro. Só quando alguém diz que vai mandar. hahaha. Tenho 2, um eu fiz pro msn e o outro era email msm [mesmo], antigão, mas não abro nenhum.” [por que?] “porque os emails são correntes, piadas e tal, não ligo.. quem quiser falar comigo vai falar no msn, telefone, orkut, ao vivo.”*

Outro dado importante que surgiu foi perceber que os jovens podem usar as contas de e-mail com objetivos distintos ou apenas para fins formais.

Sara, 23 anos diz que só usa email:

*“(...) para faculdade e pesquisa, para assuntos pessoais eu naum [não] uso.”*

Márcia Valéria, 25 anos, relata que possui dois e-mails e explica as razões:

*“um eu vejo com mais frequência, é o e-mail q [que] eu envio curriculos, recebo informações importantes!! e o outro é só para os amigos!! que também vejo com frequência, mas é mais para bagunça.”*

Júlia, 25 anos, explica como organiza suas diferentes contas de e-mail:

*“eu fiz as contas e depois acabei ficando com 3. um pro msn, outro pro orkut,, um pessoal”*

Apesar do objetivo inicial deste questionamento ser a investigação sobre a quantidade de contas de e-mails dos entrevistados, este ponto ampliou para um desdobramento maior. Percebeu-se que os jovens possuem endereços de e-mail diferentes para usos diferenciados, contas para assuntos formais e contas para uso

informal. Ou ainda, nem possuem contas de e-mail para fins exclusivos de entretenimento.

9) A categoria “Nicks” refere-se a um novo “fenômeno” que tem acontecido na Internet. Os nicks (apelidos), que antes tinham uma função de identificar o usuário, passaram a ser usados para, por exemplo, descrever estados emocionais, falar sobre o que se está fazendo naquele momento ou, ainda, marcar um encontro com os amigos para o final de semana. Alguns usuários trocam seus nomes por essas frases e, para que o interlocutor possa identificar quem é a pessoa, precisa colocar o cursor do mouse em cima do nick para ver o e-mail do usuário.

Isto fica bastante presente na frase de Márcia Valéria, 25 anos, que não troca seu nick e faz uma crítica aos seus amigos que o fazem. A seu ver, isso dificulta e torna mais trabalhosa a identificação:

*“vc [você] nunca sabe com quem está falando, ou fica na dúvida!! a pessoa coloca abc, aí aparece abc falando com vc [você]... então vc [você] tem q [que] olhar o email inscrito para saber de quem se trata eu acho q [que] não teria necessidade, apenas o nome da pessoa seria mais fácil, até porque muitas vezes vc [você] está falando com mais de uma pessoa e isso pode confundir.”*

Carla, 20 anos, também revela não gostar desse tipo de comportamento, mas por outros motivos. Diz:

*“po eu num [não] gosto mt [muito] naum [não]... parece que quer que todos saibam como vc [você] está e o q [que] fez e tal...”*

A crítica de Carla é dirigida aos nicks que ganham um perfil informativo sobre o interlocutor. Um exemplo do que Carla critica pode ser encontrado no exemplo abaixo.

Arthur, 18 anos, escolhe seu nick de acordo com seu momento:

*“ahh [eu escolho meu nick] de acordo com o q [que] acontece comigo [comigo]... (...) qnd [quando] tem alguma coisa q [que] eu voh [vou] eu troco tipo shows ai boto dizendo [dizendo] q [que] vou sab [sábado].”*

Isabela, 18 anos, acrescenta que essa utilização do nick do Messenger também serve para descobrir as novidades dos amigos de sua lista do Messenger:

*“... [meu] nick é sempre Isabela e qd [quando] tem algo mt [muito] marcante ou uma música q [que] não sai da minha cabeça eu escrevo no espaço de mensagem pessoal q [que] funciona como se fosse uma msg [mensagem] do seu dia, é legal pq [porque] vc [você] sempre descobre algum babado de alguém da sua lista, desconfia do estado emocional pelo tom melancólico ou divertido pelo q [que] as pessoas escrevem.”*

Poucos foram os entrevistados que não trocam seus nicks com frequência. Outros, embora façam críticas aos que trocam, ainda assim não deixam de fazer algumas mudanças, ainda que sutis.

10) “Uso de ferramentas de comunicação instantâneas” é uma categoria criada para incluir os depoimentos que se referem à comunicação feita de forma imediata, seja através do telefone ou do computador. (Os exemplos de comunicação instantânea são: telefone fixo, telefone celular, Skype, Messenger.) Queríamos saber quais as preferências dos jovens, quais eles escolhem para usar quando e o porquê dessa escolha.

Lucas, 22 anos, diz que se quisesse conversar com alguém naquele momento (no qual usava o Messenger para dar a entrevista), sua escolha inicial seria o Messenger. Ao ser questionado sobre a possibilidade da outra pessoa não estar no Messenger ele diz:

*“depende da importância do que eu tenho pra falar. (...) Se for importante e demanda atenção imediata eu ligo, se não, eu espero [a pessoa] ficar online.”*

O mesmo entrevistado relata:

*“telefone fixo (...) é uma coisa que eu não uso mais. (...) Celular é muito caro. (...) A internet (...) é um meio de comunicação barato. (...) Aliás, o mais barato.”*

Isabela, 18 anos, comenta sobre sua preferência e a questão financeira aparece novamente:

*“quando a pessoa esta no msn falo com ela por msn.. eh [é] desnecessário gastar uma ligação assim.. a não ser q a conversa seja loonga cheia de detalhes e eu esteja com preguiça de escrever.. e o tel e cel uso quando a pessoa naun [não] esta no pc...”*

Pode-se perceber, portanto, que a questão financeira é um ponto muito importante para a escolha da ferramenta a ser utilizada. A Internet é a que oferece uma relação custo-benefício mais acessível para os jovens.

11) “Uso de ferramentas de comunicação não instantâneas” é uma categoria que congrega os depoimentos dos entrevistados sobre as formas de comunicação assíncronas, ou seja, que não ocorrem de maneira imediata. Os exemplos dessa forma de comunicação são o e-mail, as mensagens enviadas para celulares (os torpedos) e as mensagens (scraps) deixados no orkut.

No caso de Luiza, 22 anos, entre outros fatores, a escolha depende do grau de intimidade que ela tem com quem ela quer falar. Quanto maior a intimidade mais ela se sente a vontade para fazer uma ligação:

*“depende da minha intimidade com a pessoa (...) se for um amigo mesmo, claro q [que] eu ligo... agora colegas... no way.”*

Luiza também explica que o uso de cada uma dessas tecnologias não instantâneas também depende do local onde está no momento:

*“se eu to na rua, uso [mensagem de] celular (...) se eu to em casa e quero mandar msg [mensagem] pra alguém eu mando pelo orkut (...) e e-mail quando eu mando algo de trabalho.. algum assunto mais sério (...) ou pra ver qual festa terá no fds [fim de semana].”*

Camila, 25 anos, é questionada sobre em que momento faz uso dessas ferramentas não instantâneas:

[quando você usa mensagem no celular, no orkut e e-mail?] *“mensagem no celular eu normalmente só mando como resposta pq [porque] não tenho mt [muito] saco de escrever... o orkut é algo que mando mensagem curtas... recados... e email quando é algo coletivo tipo o grupo todo combinar alguma coisa... ou quando tenho que mandar arquivo”.*

12) “Uso de ferramentas de comunicação não instantâneas como se fossem instantâneas” é uma categoria que surgiu a partir da fala dos entrevistados e foi uma

surpresa para a pesquisa. Percebemos que muitos entrevistados faziam uso de ferramentas que são assíncronas de modo síncrono<sup>3</sup>. Por exemplo, um usuário pode trocar mensagens com um amigo pelo orkut, como se fosse uma ferramenta instantânea.

Quando questionado sobre qual forma escolheria para enviar uma mensagem naquele momento, Miguel, 25 anos, explica:

*“(...) orkut... entro praticamente todo dia (muitas vezes ficando conectado direto... só atualizando...) e respondo quase sempre assim q [que] leio...”*

Lucas, 22 anos, considera que o orkut pode ser uma ferramenta de comunicação instantânea e não instantânea:

*“o orkut depende de uma série de fatores, como as duas pessoas na página ao mesmo tempo. Quando isso acontece e tem uma mínima troca de mensagens, as pessoas trocam várias... como se fosse um msn [Messenger].”*

Conforme sugerido na resposta acima, muitos jovens usam o scrap do orkut como se fosse uma comunicação instantânea, pois, eles atualizam constantemente o orkut e, com isso, podem saber se receberam mensagens.

13) “Preferências (Messenger, orkut, e-mail, celular, telefone, skype)” é a categoria referente ao que os jovens preferem quando vão se comunicar. A pergunta colocada dava aos jovens a oportunidade de eleger qual ferramenta é a sua preferida, independentemente de ser instantânea ou não.

Júlia, 25 anos, explica como vê as diferenças entre os recursos de comunicação instantânea e não-instantânea:

*“os recursos de comunicação instantânea permitem uma comunicação mais “limpa”, com menos interferências. os recursos de comunicação não instantânea possibilitam q [que] a mensagem chegue com interferências, ou seja, comportam uma margem de erro.”* [então a sua preferência é pela instantânea?] *“sim. prefiro esses recursos pq [porque] a mensagem tem maior chance de sair como estou querendo passá-la, pq eh [é] na hora e se o receptor entender algo errado dá pra consertar entende?”*

Alice, 18 anos, fala que prefere se comunicar via mensagens e não por voz. Essas mensagens podem ser enviadas tanto por canais de comunicação síncrona quanto assíncrona:

*“mensagem no celular eu tô sempre mandando, é uma coisa que eu adoro. eu prefiro escrever do que falar... não digo pessoalmente, mas prefiro escrever mensagens ou msn [Messenger] à telefonar. então se posso mandar uma mensagem, eu prefiro. caso seja mais necessário eu ligo.”*

Já Arthur, 18 anos, fala sobre suas opções para se comunicar:

*“o msn [Messenger] (...) pq [porque] ele eh [é] o meio mais rápido e pratico...”* [quando usa o celular e quando usa o Messenger] *“o cel [celular] em casos q [que] eu*

---

<sup>3</sup> As formas de comunicação on-line podem ser síncronas, quando duas ou mais pessoas estão conectadas e se comunicando em tempo real, ou assíncronas, quando apenas uma pessoa precisa estar conectada e enviar uma mensagem que será lida posteriormente pelo seu receptor.

*preciso falar com urgência e o msn [Messenger] qnd [quando] posso esperar para se falar...”*

De acordo com a maioria das entrevistas, a primeira opção dos jovens é a mensagem por escrito, seja através do Messenger, mensagem por celular ou scrap do orkut. Caso não seja possível fazer uso de um desses meios por alguma razão, a segunda opção preferida pela maioria é falar por telefone celular. O telefone fixo e o e-mail praticamente não aparecem como opção para esses jovens, que os utilizam muito pouco.

14) “Uso Diferenciado das Ferramentas (Messenger, skype, g-talk, e-mail, orkut)” é uma categoria que congrega os depoimentos coletados a respeito das diferenças que os entrevistados vêm no uso das ferramentas acima mencionadas.

Arthur, 18 anos, explica:

*“msn [Messenger] serve para conversa em tempo real neh [né] vc [você] sabe q [que] a pessoa tah [está] ali falandu [falando] com vc [você]... o orkut a pessoa pode ter entrado e saído rapidinho ae vc [você] tem o perigo de mandar e demorar para receber a respostas... e email ai q [que] demora msm [mesmo] q [que] nunca sabemos qnd [quando] a pessoa esta on line ai fica difícil de saber qnd [quando] sera respondido... orkut soh [só] para falar coisas tipo lembrar a pessoa de algum evento ou coisa qualquer, msg [mensagem] do cel para qnd [quando] eu queru [quero] conversar pelo cel mais nao queru [quero] gastar muitos credits ai converso por msg [mensagem] e email quase nunca somente qnd [quando] preciso enviar algum trabalho ou pedir trabalho coisas assim.”*

Camila, 25 anos, diz:

*“acho o msn [Messenger] melhor pq [porque] é o que fala digamos em tempo real, mas o e-mail é algo muito útil.... quando precisamos falar com pessoas que não são amigas, tipo algo de emprego, cursos..., o orkut é mais para deixar algo que não é importante e nem pessoal ne.”*

André, 20 anos, fala:

*“procuraria a pessoa no msn... se ã [não] encontrasse e a mensagem ã [não] fosse urgente tentaria outra hora... se for importante mando um e-mail... se for urgente ligo.”*

Júlia, 25 anos responde à pergunta:

[o que faria se você quisesse mandar uma mensagem agora? usaria o quê?]  
*“usaria o msn, já q estou conectado nele, mas se a pessoa não estivesse on line, mandaria mensagem pelo cel devido a praticidade q ele dispõe.”*

Mesmo quando é somente para explicar o que percebem sobre o uso desses recursos, a preferência por Messenger surge, sendo um dos recursos mais utilizados pelos jovens atualmente.

15) “Privacidade no celular” é a categoria na qual foram incluídas as respostas sobre como os entrevistados se comportam quando falam ao celular em um espaço público.

Márcia Valéria, 25 anos, fala sobre sua forma de agir quando precisa falar ao celular e está em um espaço público:

[em lugares públicos você fala ao celular?] “falo” [quando tem muita gente e é uma conversa íntima, o que faz?] “*bom se eu estiver em um restaurante, bar etc., peço licença e vou ao banheiro para ficar mais a vontade, agora se eu estiver na rua onde não há banheiro, eu procuro um lugar mais calmo e vazio. (...) não garante [a privacidade], mas é a melhor forma quando se está em público!!*”

Alice, 18 anos, diz algo semelhante:

“*se eu estiver na facul [faculdade], por exemplo, eu vou pro banheiro ou prum [para um] cantinho que não tenha ninguém.. mas tem lugar que não dá, aí eu só ouço, sem falar nada.*”

Para os defensores de que não há como garantir a privacidade no celular, temos o seguinte comentário de Sara, 23 anos:

“*na verdade eu vivo ouvindo as conversas de outras pessoas pelo celular, privacidade zero, se a pessoa quiser falar algo privado (que naum [não] é meu caso) vai para um lugar mais reservado e fale baixo.*”

Entretanto, de maneira geral, os entrevistados parecem crer que protegem sua privacidade ao se afastar para falar no celular quando estão na rua. Criam “barreiras invisíveis” quando falam mais baixo ou se afastam do local mais movimentado, porém os jovens sabem que esse comportamento não garante a privacidade total.

16) Parecida com a categoria anterior, “Privacidade na Internet” diz respeito a como os jovens agem para preservar sua privacidade na Internet. Nessa categoria surgem respostas que falam sobre o uso diferenciado do depoimento<sup>4</sup> através do orkut.

Arthur, 18 anos, diz:

“*ahhh essa [privacidade] nao faço questao nao... soh [só] as vezes q [que] me comunico por depoimentos no orkut. pq [porque] tem mais privacidade por ele....jah q [que] quem pode ler eh somente o proprio dono do orkut.*”

Sara, 23 anos, tem uma postura semelhante:

“*no orkut, os scraps estão expostos para todos verem, qdo [quando] eu kero [quero] mandar algo íntimo eu mando depoimento, e a pessoa, ao ler, apaga, eu naum [não] me incomodo, msm [mesmo] eu apagando meus scraps eu acho que se eu naum [não] quisesse rigorosamente que alguém os lesse, eu naum [não] teria orkut.*”

Alexandre, de 22 anos, vai além e diz que a questão da privacidade na Internet é ainda mais complicada que no celular e explica:

“*qualquer coisa escrita pode ser usado contra vc [você] (...) nunca escrevo nada comprometedor na net... não mais (...) aprendi q [que] comprometedor é melhor em palavras q vc [você] pode desmentir.*”

No que diz respeito à privacidade na Internet, é intrigante observar que, embora sejam muito amplas as possibilidades de ter privacidade na Internet, todos os

---

<sup>4</sup> O depoimento é um recurso do orkut que tem a função de um usuário fazer um testemunho sobre um amigo da rede. Após aprovado fica visível para qualquer pessoa que visualizar o perfil de quem recebeu o depoimento. Por necessitar de autorização, os usuários têm utilizado o depoimento para enviar recados de forma que ninguém tenha acesso, pois o depoimento não aceito só fica disponível para quem enviou e para quem recebeu.

entrevistados fizeram uma conexão direta com o orkut. A grande maioria julga não haver proteção adequada, principalmente quando se trata do orkut.

17) “Lei”. Dado que nosso objetivo era o de investigar se os entrevistados tinham consciência de que vivem em espaços diferenciados, buscamos saber o que eles achavam sobre a proibição de que o motorista fale ao celular enquanto dirige. Nessa categoria foram colocados os depoimentos nos quais os jovens revelaram suas opiniões acerca dessa lei.

Luiza, 22 anos, diz que o único problema que existe de o motorista falar ao celular enquanto dirige é o fato de ter que ocupar uma das mãos e diz que a lei é:

[o q vc [você] acha da lei que proíbe o uso do celular ao volante?] *“de fato engraçada! quanto ao uso do celular em uma das mãos, até acho coerente (...) mas não poder usar um fone de ouvido é um absurdo (...) seria a mesma coisa que proibir você falar com a pessoa ao lado (...) ou escutar um rádio”*. [e qual a diferença pra vc [você] falar ao celular ou com uma pessoa ao lado?] *“pra mim, nenhuma (...) você tá desviando sua atenção do mesmo jeito (...) claro, como eu disse antes, desde que a pessoa esteja com as 2 mãos no volante (...) é um desviar auditivo, apenas! uauhauh e mesmo assim pouco.”*

Assim como Luiza, Alexandre, 22 anos, acredita que o que atrapalha mesmo a atenção do motorista é o fato de tirar a mão do volante. Para ele, se o motorista usar o recurso do viva-voz ou o Bluetooth não haverá nenhum problema:

*“sendo o aparelho eu concordo...pq [porque] te faz tirar uma das mãos do volante (as vezes as duas qd [quando] tem q [que] passar marcha) e isso diminui sua velocidade de reação...mas quanto ao bluetooth não axo nada d+ usar (...) o fato de estar falando ao telefone torna-se igual ao falar com alguém q [que] esteja no banco do carona (...) falar com a pessoa ao seu lado é melhor sempre...mas para proibir o uso de viva voz e de bluetooth ao dirigir, teria que proibir conversas com o carona tb, pois é a mesma coisa...o grau de distração é o mesmo, ou talvez até menor para o viva voz e o bluetooth, pois qd [quando] vc [você] fala com uma pessoa vc [você] tende a olhar para ela... no caso do viva voz e do bluetooth não, então o grau de distração acaba sendo menor.”*

Alguns entrevistados, no entanto, tiveram opiniões diferentes. Alice, 18 anos, opina:

*“o celular distrai muito mesmo... é uma forma de prevenir batidas bobas e outros acidentes sem risco e com risco. O celular dispersa a atenção... então você perde algumas coisas do trânsito por estar mais distraído. Pelo assunto mesmo, eu acho. Questões motoras nem tanto, pois tem celulares que permitem fones.”*

Para Isabela, 18 anos, a questão da concentração também é influenciada pela conversa enquanto se está dirigindo:

*“acho q [que] quando a pessoa está no celular ela meio q [que] se prende a conversa e se desliga do mundo.”*

Resumindo o que encontramos, na opinião da grande maioria dos entrevistados, o que atrapalha o motorista é segurar o telefone e não o falar em si. Ou seja, a maioria dos participantes acha que celulares com a função “viva-voz” e “bluetooth” não tiram a atenção do motorista, pois não necessitam do uso das mãos. Alguns entrevistados,



contudo, discordam dessa opinião. Para esses, falar ao celular enquanto dirige desconcentra o motorista.

18) A categoria “Comparações” congregou as respostas dos entrevistados quando solicitados a estabelecer comparações entre os ambientes virtuais que frequentam e o que existe de análogo no mundo real.

#### Comparações com o orkut

Camila, 25 anos, faz a seguinte associação:

*“sala de aula, varias pessoas, chamada (lista de amigos), matérias (comunidades), bilhetinho que passa de mão em mão para nao falar e chamar a atençao do prof.”*

Isabela, 18 anos, consegue fazer uma comparação bastante interessante do orkut com um espaço físico muito conhecido dos jovens do Rio de Janeiro:

*“rua das pedraaaaas, hehehe...tem um bando de genteeeee q [que] vc [você] vê sempre, (...) vc [você] falaria com um ou outro (aqueles scraps básicos e simpáticos), tem aquelas pessoas q [que] vc [você] toma aquelas tequilas e fica junto a night toda e como consequência disso altos depoimentoos, lembranças, homenagens...e tem aquele povo amigo do amigo, colega do peguete, q [que] vc [você] tem ali naquela rua (pág) mas nem fala direito.”*

#### Comparações com o Messenger

Alexandre, 22 anos, responde à pergunta:

[qual a situação real q [que] mais se assemelha ao msn pra vc [você]?] *“bilhete...sabe aqueles q [que] passavam no ensino médio, em q [que] vc [você] conversava com suas amiguinhas...então...um msn ao vivo.”*

Ao falar sobre o Messenger, Isabela de 18 anos compara:

*“praia, tem aquela conversa no calçadão com quem vc [você] encontra casualmente q [que] geralmente não dura mt tempo (pvts curtos), tem aquele mergulho no mar com aquela sua beeeeeest q vc [você] consegue contar coisas secretas (pvts mais emocionantes) e aquele papo de um bando de gente torrando na areia (pvts em grupo)!”*

Marcos, 22 anos, diz que a situação real mais assemelhada com o Messenger é festa em família e explica:

*“vc [você] conhece todo mundo e não conhece ninguém ao mesmo tempo, as conversas são sempre fúteis e muitas vezes iguais ninguém realmente esta afim de estar ali, mas estão todos obrigados”*

#### Comparações com e-mail

As comparações com e-mail foram, em sua maioria, um pouco mais óbvias que as mencionadas acima. De vinte entrevistas, treze compararam e-mail a cartas, havendo poucas comparações diferentes.

Uma delas foi Mariana de 18 anos:

[e uma comparação com e-mail?] “*uma social na sua casa... que vc [você] chama só seus amigos e conversam a noite td [toda]*”

### Comparações com Blogs

Quanto aos blogs, não houve nenhuma comparação com espaços. A analogia mais comum foi com diários, mas eles também foram comparados a escrever um livro, a um mural de recados, a um roteiro para uma peça de teatro e a outdoors, como no exemplo abaixo de Isabela, 18 anos:

“*ihhhh outdoors ;)*” [como assim?] “*necessidade absurda de exposição, nos blogs mais em forma de texto e nos fotologs através de fotos, um local de propaganda pessoal!*”

### Comparações com Fotolog

Como visto acima, os fotologs foram comparados a outdoors, diversas vezes a um álbum de fotos ou a um diário com fotos. Houve ainda comparações com um mural com fotos em cima.

A única analogia com espaço foi a do Marcos, 22 anos, que comparou fotolog com porta de boate:

“*nego vai pra lá so pra ver a cara de todo mundo, nego fala um oi ouve uma ou duas frases e ja muda...eh uma grande revista caras*”

É interessante observar que, em momento algum, foi solicitado aos entrevistados que fizessem analogias com espaços físicos. A pergunta que lhes foi colocada era: “Qual é a situação real que mais se assemelha com... (Messenger, Orkut, E-mail, Blog, Fotolog)?”. Mesmo assim, boa parte dos entrevistados estabeleceu esse tipo de analogia. Dentre vinte entrevistas, oito dos entrevistados não compararam alguns dos itens. Treze associaram e-mail a carta, oito relacionaram blog a diário e doze compararam fotolog a um álbum ou diário com fotos.

### Conclusões

Ainda é cedo para que possamos chegar a conclusões definitivas, pois apenas uma rodada inicial das etapas das análises inter e intra-participantes foi realizada.

Até o momento, as análises sugerem que nossos entrevistados, embora certamente assíduos frequentadores de diferentes espaços, têm apenas consciência de que realizam múltiplas tarefas simultaneamente, em diversos ambientes do computador e fora dele. Em outras palavras, eles têm consciência das diversas tarefas que executam usando diferentes ferramentas virtuais e reais em um presente dilatado (o “eterno presente” do qual fala Jameson, 1997), que lhes fornece a ilusão de simultaneidade. O mesmo grau de consciência não pôde, no entanto, ser observado no que diz respeito aos diversos espaços – reais, virtuais e híbridos – que esses jovens habitam. Essa falta de consciência, pelo menos em um primeiro momento, parece condizer com a concepção de “espaço liso” proposta por Deleuze & Guattari (1997). Há, porém, indicadores de que ela existe em algum nível, na medida em que, quando solicitados a fazer comparações do que fazem na Internet com situações reais, muitos dos entrevistados fizeram alguma comparação com espaços físicos. Isso deverá ser melhor explorado nas próximas etapas das análises dos resultados.

## Referências Bibliográficas

- ABREU, R.S. & Nicolaci-da-Costa, A.M. (2003). Internet: um novo desafio para os educadores. *Cadernos de Psicologia e Educação – Paidéia*, 13 (25), 27-40.
- BAUMAN, Z. (1998). *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1997)
- BAUMAN, Z. (2001). *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2000)
- BAUMAN, Z.. (2003). *Comunidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 2001)
- CASTELLS, M. (2000). *A sociedade em Rede*. São Paulo: Paz e Terra. (Trabalho original publicado em 1996)
- CASTELLS, M. (2003). Internet e sociedade em rede. Em D. de Moraes (Org.), *Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder* (pp. 255-287). Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 2000)
- CRUMLISH (1995). *The Internet dictionary*. Nova York: Sybex.
- de Gournay, C. (2002). Pretense of intimacy in France. Em J. E. Katz & M. Aakhus (Orgs.), *Perpetual contact: mobile communication, private talk, public performance* (pp. 193-205). Cambridge: Cambridge University Press.
- DELEUZE, G. & GUATTARI, F. (1997). *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, volume 5. São Paulo: Editora 34. (Trabalho original publicado em 1980)
- HARVEY, D. (1999). *Condição pós-moderna*. Rio de Janeiro, Loyola. (Trabalho original publicado em 1989)
- JAMESON, F. (1984). Post modernism, or the cultural logic of late capitalism. *New Left review*, 146, pp. 53-92.
- JAMESON, F. (1997). *Pós-modernismo: a lógica cultural do capitalismo tardio*. São Paulo: Ática. (Trabalho original publicado em 1991)
- LEITÃO, C. & Nicolaci-da-Costa, A. M. (2000). Psicologia clínica e informática: por que essa inusitada aproximação? *Psicologia Clínica*, 12 (2), 189-205.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (1998). *Na malha da Rede: os impactos íntimos da Internet*. Rio de Janeiro: Campus.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. (2002b). *Revoluções tecnológicas e transformações subjetivas*. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18 (2), 193-202.
- NICOLACI-DA-COSTA, A. M. *O campo da pesquisa qualitativa e o Método de Explicitação do Discurso Subjacente (MEDS)*. *Psicol. Reflex. Crit*, Porto Alegre, v. 20, n. 1, 2007.
- SENNETT, R. (1999). *A corrosão do caráter: conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record. (Trabalho original publicado em 1998)
- SIMMEL, G. (1902/1987). *A metrópole e a vida mental*. Em O. G. Velho (Org.), *O fenômeno urbano* (pp. 11-25). Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.
- TURKLE, S. (1995). *Life on Screen: identity in the age of the Internet*. Nova York: Touchstone.
- VIRILIO, P. (1999). *Espaço crítico*. Rio de Janeiro, Editora 34. (Trabalho original publicado em 1984)